



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 24, v. 1
jan.-dez. 2026
p. 24-35

Figuras maternas e o direito de escolha: representações do afastamento na literatura contemporânea sob a ótica feminista

(*Maternal figures and the right to choose: representations of distancing in contemporary literature from a feminist perspective*)

(*Figuras maternas y el derecho a elegir: representaciones del distanciamiento en la literatura contemporánea desde una perspectiva feminista*)

Marceli Aquino¹

RESUMO: Com base em estudos feministas interseccionais e decoloniais, este artigo analisa as representações da figura materna como agente moral e social em *A filha perdida*, de Elena Ferrante, e *Por favor, cuide da mamãe*, de Shin Kyung-Sook. A partir de contextos culturais distintos – Itália e Coreia do Sul –, examinam-se as ambivalências da maternidade e o afastamento entre mães e filhos como experiências atravessadas por classe, gênero, cultura e poder. Utilizando a literatura como instrumento crítico e simbólico, discute-se a maternidade como prática social e política que envolve tensão, resistência e escolha. As análises revelam como as narrativas desconstróem modelos idealizados e dão visibilidade a vozes maternas periféricas, contribuindo para o debate feminista sobre autonomia, cuidado e identidade.

PALAVRAS-CHAVE: maternidade; feminismo interseccional; literatura comparada; perspectiva decolonial; autonomia feminina.

Abstract: Based on intersectional and decolonial feminist studies, this article analyzes the representations of the maternal figure as a moral and social agent in *The lost daughter*, by Elena Ferrante, and *Please look after mom*, by Shin Kyung-Sook. Drawing from distinct cultural contexts – Italy and South Korea –, it examines the ambivalences of motherhood and the distance between mothers and children as experiences shaped by class, gender, culture, and power. Using literature as a critical and symbolic instrument, the discussion approaches motherhood as a social and political practice involving tension, resistance, and choice. The analyses reveal how these narratives deconstruct idealized models and give visibility to peripheral maternal voices, contributing to the feminist debate on autonomy, care, and identity.

Keywords: motherhood; intersectional feminism; comparative literature; decolonial perspective; female autonomy.

Resumen: A partir de los estudios feministas interseccionales y decoloniales, este artículo analiza las representaciones de la figura materna como agente moral y social en *La hija oscura*, de Elena Ferrante, y *Por favor, cuida de mamá*, de Shin Kyung-Sook. Desde contextos culturales distintos – Italia y Corea del Sur –, se examinan las ambivalencias de la maternidad y el distanciamiento entre madres e hijos como experiencias atravessadas por la clase, el género, la cultura y el poder. Al utilizar la literatura como instrumento crítico y simbólico, se discute la maternidad como una práctica social y política que implica tensión, resistencia y elección. Los análisis revelan cómo las narrativas desconstruyen modelos idealizados y dan visibilidad a voces maternas periféricas, contribuyendo al debate feminista sobre la autonomía, el cuidado y la identidad.

Palabras clave: maternidad; feminismo interseccional; literatura comparada; perspectiva decolonial; autonomía femenina.

¹ Docente do Departamento de Letras Modernas (DLM) da Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail:marceli.c.aquino@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0518-7639>



1 Introdução

Nas últimas décadas, o movimento feminista, em suas vertentes intelectual, política e social, produziu múltiplas abordagens teóricas e práticas voltadas à compreensão da realidade das mulheres e à intervenção crítica sobre as estruturas de gênero. Ainda que o debate sobre maternidade tenha ganhado espaço, permanece envolto em controvérsias: não querer ser mãe, arrepende-se da maternidade ou adotar formas não convencionais de maternas são temas que geram desconforto, pressão e angústia em muitas mulheres. Como aponta Silveira (2022, p. 14), mesmo com o chamado “privilégio” da escolha, ainda é comum que mulheres se sintam obrigadas a justificar suas decisões relacionadas à maternidade, sobretudo quando estas se desviam do padrão social esperado.

A autora também ressalta que há uma construção social da maternidade atrelada à ideia de completude feminina, à pureza e à natureza biológica da mulher. A figura da mãe é, muitas vezes, idealizada como símbolo de amor incondicional, devotada a cuidar de filhos, parceiros, casa, profissão, tudo isso sem queixas ou exigências de individualidade. Essa romantização da maternidade restringe vozes e experiências, criando abismos simbólicos que sustentam formas de opressão estrutural. Para que mulheres possam ocupar plenamente os espaços sociais, torna-se fundamental ressignificar os padrões culturais e estéticos tradicionalmente associados ao feminino. Julie Stephens (2011) denomina esse processo de “pensamento pós-materno”, uma lógica cultural que desvaloriza a maternidade no espaço público, deslocando-a para o plano privado e individual, sob a égide do ideal neoliberal de autossuficiência. Esse esquecimento cultural do cuidado materno contribui para o enfraquecimento de uma ética coletiva baseada na interdependência.

De acordo com Beauvoir (1949, p. 9), a identidade da mulher é uma construção sociocultural e não um destino biológico: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Em todas as sociedades, a maternidade é atravessada por normas culturais que ora a idealizam, ora a degradam, moldando expectativas e silenciamentos que não podem ser resolvidos por soluções individuais, mas sim pela transformação de contextos coletivos. Corradi (2021, p. 168) observa que, embora a maternidade possa proporcionar empoderamento existencial, ela também carrega pressões sociais e subjetivas que frequentemente resultam em sofrimento, esgotamento e uma forma limitada de autoconhecimento. Nesse sentido, é urgente deslocar o debate sobre o amor materno da esfera exclusivamente emocional ou instintiva para uma perspectiva crítica e relacional. A autora observa ainda que, no contexto contemporâneo, as tensões entre autonomia e maternidade se aprofundam com o avanço das tecnologias reprodutivas e a mercantilização do corpo materno, como na gestação por substituição. Isso revela contradições internas do próprio discurso feminista sobre liberdade e



corpo.

Além disso, torna-se indispensável reconhecer que a experiência da maternidade é atravessada por diversos marcadores sociais de diferença, como classe, raça, sexualidade e território, que reconfiguram tanto as possibilidades quanto às pressões vividas pelas mulheres. A dimensão interseccional, como defendem autoras latino-americanas e decoloniais, permite então compreender que as representações da maternidade não são universais, mas situadas em contextos históricos e culturais específicos (Costa, 2009; Nogueira, Ribeiro, Magalhães, 2021).

Além de fatores sociais e culturais, é essencial refletir sobre a figura da “mãe ideal” construída na contemporaneidade. A mídia exerce papel fundamental nesse processo de idealização, ao prescrever modelos de maternidade por meio de discursos normativos difundidos em programas de TV, revistas, *blogs* e redes sociais. Segundo Tomaz (2015), esses meios consolidam uma imagem da “boa mãe” como afetiva, disponível e abnegada, muitas vezes incompatível com a realidade vivida por inúmeras mulheres. A literatura, nesse contexto, configura-se como um instrumento privilegiado de análise, na medida em que tematiza a maternidade de forma complexa e multifacetada. Como destaca Silveira (2022), a não romantização da maternidade tem se tornado cada vez mais presente nas artes, nas mídias e na literatura. Obras literárias contemporâneas vêm desempenhando um papel essencial ao explorar as tensões entre o cuidado, a autonomia e a identidade das mulheres, ajudando a romper com a rigidez de papéis tradicionalmente atribuídos ao feminino.

Tomando a literatura como chave hermenêutica para esses discursos normativos, delimitamos nosso *corpus* em duas obras – *A filha perdida* de Elena Ferrante (2006) e *Por favor, cuide da mamãe* de Shin Kyung-Sook (2008) – com o objetivo de analisar como diferentes valores e práticas associados à maternidade são representados. Em ambas obras, a figura materna emerge como agente moral e social cujas decisões, escolhas e afetos desafiam os modelos tradicionais. Partimos da observação de que o distanciamento entre mães e filhos é um ponto de tensão central nas duas narrativas, o que permite investigar, sob uma perspectiva feminista e intercultural, os limites e possibilidades do papel materno na construção da identidade feminina. Ao contrastar os contextos socioculturais da Itália e da Coreia do Sul, buscamos ampliar a discussão sobre a idealização da maternidade, bem como destacar o papel da literatura como espaço de resistência e visibilidade das experiências femininas.

Nesse sentido, a originalidade deste trabalho reside em articular o debate feminista contemporâneo sobre maternidade com uma análise literária comparada entre contextos culturais distintos – Itália e Coreia do Sul –, destacando como as representações ficcionais das figuras



maternas evidenciam tensões políticas e éticas atravessadas por gênero, classe e cultura. A partir de um enfoque feminista crítico e interseccional, buscamos ampliar o diálogo com perspectivas latino-americanas e decoloniais, que desafiam o olhar eurocentrado e universalizante ainda dominante nas leituras sobre a maternidade. Assim, este trabalho propõe uma leitura que reconhece a maternidade como campo de disputa simbólica e política, situado entre o desejo e a norma, e que só pode ser plenamente compreendido a partir da pluralidade de vozes e perspectivas culturais.

Na próxima seção, a partir de estudos focados na temática da maternidade, vamos discutir alguns conceitos sobre as teorias do feminismo e introduzir as contribuições da literatura para este debate. A metodologia de pesquisa terá o enfoque em apresentar a seleção da amostra das duas obras, assim como o método para a análise dos dados. Os resultados e a discussão serão apresentados em maiores detalhes na quarta seção. Na última seção discorreremos sobre as conclusões deste trabalho e perspectivas futuras.

2 O movimento feminista e a maternidade

O movimento feminista, desde sua origem na primeira onda – final do século XIX e início do século XX –, tem promovido importantes reflexões sobre os direitos das mulheres e suas condições de existência na sociedade. Inicialmente centrado em pautas civis, como o direito ao voto, o feminismo evoluiu ao longo das décadas para abarcar debates sobre sexualidade, trabalho, violência, corpo e maternidade, reconhecendo que tais temas são atravessados por estruturas de poder, desigualdade e dominação simbólica.

Na segunda onda, entre as décadas de 1960 e 1980, a maternidade passou a ser alvo de críticas mais contundentes. Autoras como Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Adrienne Rich e outras denunciaram a construção social da mulher como sujeito naturalmente destinado à função de mãe. O corpo feminino tornou-se um território político: lugar onde se concentram expectativas sociais sobre reprodução, cuidado e renúncia. A maternidade, nesse contexto, deixou de ser vista como um fato biológico e passou a ser compreendida como imposição cultural.

A introdução da pílula anticoncepcional e a intensificação das lutas pelo direito ao aborto, nesse período, permitiram às mulheres maior autonomia reprodutiva, mas também revelaram os conflitos existentes entre liberdade individual e normatividade social. A maternidade, embora possa ser fonte de prazer e empoderamento, foi desnaturalizada enquanto obrigação. Conforme argumenta Silveira (2022), mesmo quando se tem o “privilegio” da escolha, muitas mulheres ainda se veem forçadas a justificar suas decisões diante de um julgamento coletivo que idealiza a figura materna como portadora de amor incondicional e sacrifício silencioso.



Com a chegada da terceira onda, nos anos 1990 e 2000, e o avanço da perspectiva pós-moderna e interseccional, o feminismo ampliou sua abordagem, passando a considerar as diferenças de classe, raça, etnia, sexualidade e território na vivência das mulheres. A maternidade, nessa fase, passou a ser analisada como uma experiência plural, longe de um modelo único ou idealizado. A crítica ao modelo patriarcal da “mãe universal” passou a incluir também as mulheres que não desejam maternar, bem como aquelas que vivenciam outras formas de cuidado e de laço afetivo, com filhos biológicos ou não.

Essa trajetória histórica consolidou avanços, mas também evidenciou lacunas: a narrativa ocidental das “ondas” feministas não contempla plenamente a diversidade de experiências e contextos locais que compõem o feminismo global. A partir dessas limitações, emergem leituras críticas da própria periodização do movimento. Autoras como Suely Gomes Costa (2009) e Joana Maria Pedro (2019) propõem entender o feminismo como movimento rizomático, de múltiplas temporalidades. Essa reorientação do olhar, afinada com debates decoloniais presentes em outras áreas das humanidades, reforça a necessidade de reconhecer epistemologias situadas e plurais (Ferreira; Aquino, 2024). Do mesmo modo, Nogueira, Ribeiro e Magalhães (2021) mostram que, no Brasil e na América Latina, há continuidades e descontinuidades próprias que desafiam a linearidade das “ondas”, exigindo uma abordagem histórica situada no eixo Norte–Sul.

Essa reinterpretação amplia o horizonte do pensamento feminista e prepara o terreno para o surgimento das abordagens interseccionais e decoloniais, que questionam a universalidade da experiência feminina. Nesse quadro, feminismos negros, indígenas, lésbicos e latino-americanos defendem que maternidades são atravessadas por desigualdades de classe, raça, orientação sexual e contexto histórico, e que o cuidado é também um ato político situado (Nogueira, Ribeiro, Magalhães, 2021). Assim, essa virada teórica foi decisiva para compreender que a maternidade não pode ser analisada sem considerar as relações de poder que estruturam o mundo social.

Ao articular essas perspectivas críticas, abre-se caminho para pensar a maternidade como categoria histórica e relacional, situada em contextos específicos e passível de múltiplas representações culturais. As contribuições de autoras como Costa (2009) e Pedro (2019) permitem, portanto, rearticular o debate feminista em torno da maternidade sob um prisma não hegemônico, no qual as narrativas literárias também emergem como espaços de resistência e reinterpretação das experiências maternas. Ao reconhecer as maternidades como práticas plurais e contextuais, abre-se espaço para compreender como elas são representadas de forma dissidente em literaturas periféricas e transnacionais.

É a partir desse enquadramento que a literatura se apresenta como um meio privilegiado de



expressão e questionamento dessas múltiplas maternidades. Ao representar figuras maternas que fogem do estereótipo idealizado, as obras literárias possibilitam questionar as normas impostas e abrir espaço para experiências mais autênticas. Ao ficcionalizar personagens que se afastam dos filhos, que se arrependem, que sofrem ou que desaparecem sob o peso de expectativas irreais, os textos literários ampliam a compreensão sobre o que é maternar e quem pode ou quer fazê-lo. Como afirmam Silveira (2022) e Simons (1984), é necessário construir uma ética materna feminista que leve em conta tanto os contextos históricos quanto as escolhas pessoais, reconhecendo a maternidade como um campo de disputa simbólica e existencial – e não como dever naturalizado.

Diante desse percurso teórico, a próxima seção apresenta a base analítica que orienta a leitura comparada das obras selecionadas. Ao investigar os romances *A filha perdida* e *Por favor, cuide da mamãe*, buscaremos entender como a literatura contemporânea revela e problematiza as contradições da maternidade sob diferentes prismas culturais. Tais obras tornam visíveis as tensões entre o amor, a culpa, o cuidado e o desejo de liberdade que marcam profundamente a vida de muitas mulheres, contribuindo para uma reflexão crítica sobre os limites e possibilidades da escolha materna.

3 Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter hermenêutico e interpretativo, fundamentada nos estudos literários com ênfase na teoria crítica feminista. Entende-se aqui a literatura não apenas como objeto estético, mas como um campo simbólico privilegiado para a análise de representações culturais, ideológicas e afetivas que atravessam a experiência do feminino. Com base em autoras como Beauvoir (1949), Simons (1984), Ruddick (1989) e Silveira (2022), parte-se da compreensão de que a maternidade é uma construção histórica, social e discursiva, e que suas representações na ficção literária oferecem uma chave analítica relevante para compreender os modos como as mulheres vivenciam, resistem ou reelaboram esse papel.

Além dessa base, a análise adota uma perspectiva interseccional e decolonial, inspirada em autoras latino-americanas que descentralizam o olhar eurocêntrico sobre as experiências femininas (Costa, 2009; Pedro, 2019). Essa lente evidencia a maternidade como experiência situada, atravessada por classe, raça, cultura e sexualidade, e orienta a leitura comparada em direção às formas de resistência e de reconfiguração dos papéis maternos. À luz desse enquadramento, definimos o *corpus* de modo a tensionar modelos normativos em contextos distintos.

Selecionamos, assim, *A filha perdida* (Ferrante, 2006) e *Por favor, cuide da mamãe* (Shin, 2008), obras que, em registros culturais diferentes – Itália e Coreia do Sul –, dramatizam o



afastamento entre mães e filhos e expõem conflitos de identidade, desejo, culpa e reconhecimento. Essa composição permite uma comparação intercultural coerente com o recorte teórico adotado, mostrando como a literatura problematiza expectativas sobre o materno sem recorrer a essencialismos.

A coleta de dados consistiu na leitura integral e aprofundada das obras, com atenção especial aos trechos em que se evidenciam dilemas maternos, processos de afastamento, sentimentos de ambivalência e conflitos entre o desejo de autonomia e as obrigações do cuidado. Esses fragmentos foram analisados com base em categorias interpretativas relacionadas à teoria feminista contemporânea, como ética do cuidado, maternidades dissidentes, autonomia reprodutiva, amor materno como construção social e direito à escolha. À luz desse primeiro mapeamento conceitual, ampliamos o enquadramento analítico para incluir perspectivas que desloquem a universalização para recentrar contextos específicos.

A esse conjunto somam-se os aportes do feminismo latino-americano e decolonial, que entendem a maternidade como prática social e relacional marcada por desigualdades estruturais e por formas de resistência cotidianas. Com esse desdobramento teórico, as representações literárias deixam de ser tomadas como modelos gerais e passam a ser lidas como experiências situadas de cuidado, culpa e liberdade, atravessadas por colonialidades de poder e de gênero. Essa passagem de um repertório conceitual amplo para um recorte situado sustenta a interpretação comparativa adotada neste estudo.

A análise textual busca compreender como esse arcabouço se manifesta nas decisões, sentimentos e ausências das personagens. Além do conteúdo temático, observamos a forma de enunciação como operador crítico, considerando o ponto de vista narrativo, isto é, a maternidade em primeira pessoa (*A filha perdida*) ou em terceira pessoa por múltiplas vozes (*Por favor, cuide da mamãe*) como fator relevante para a construção simbólica do materno. O método adotado combina leitura crítica literária com aportes dos estudos culturais e feministas, articulando texto e contexto e atendendo à interseção entre discurso, forma e ideologia.

Com isso, a metodologia pretende evidenciar como os discursos literários podem problematizar a maternidade como campo de disputa simbólica, ética e geopolítica, revelando que o afastamento materno – longe de ser apenas um gesto individual – também expressa resistências históricas e culturais às normas patriarcais e coloniais.

4 Discussão

A análise das obras *A filha perdida*, de Elena Ferrante, e *Por favor, cuide da mamãe*, de



Shin Kyung-Sook, revela como o tema da maternidade é literariamente representado a partir de vivências ambíguas, conflitantes e culturalmente situadas. Ambas as narrativas se concentram no afastamento entre mãe e filhos, mas o fazem por caminhos distintos: em Ferrante, ouvimos a voz da própria mãe; em Kyung-Sook, o relato é fragmentado e polifônico, vindo dos filhos que tentam reconstruir a imagem materna após sua ausência física. Esse contraste permite compreender a maternidade não como um ideal universal, mas como uma experiência plural, atravessada por valores, expectativas e silêncios. Como destaca Silveira (2022), as literaturas contemporâneas vêm representando maternidades múltiplas e dissidentes, o que reforça a importância de abordagens interseccionais que considerem classe, raça e subjetividade, ampliando o debate sobre as imposições normativas que recaem sobre o corpo e os afetos das mulheres.

Lida sob uma perspectiva decolonial, essa pluralidade ganha novas camadas de sentido. As narrativas de Ferrante e Kyung-Sook, oriundas de contextos periféricos do sistema literário mundial – o sul da Europa e o leste asiático –, desestabilizam o eixo eurocêntrico que historicamente definiu as representações do feminino e da maternidade. Ao aproximar essas experiências, o estudo adota um olhar que reconhece a coexistência de epistemologias diversas, conforme propõem Costa (2009) e Pedro (2019). Tanto Leda quanto So-Nyo encarnam, cada uma a seu modo, as tensões entre autonomia e cuidado, individualidade e pertencimento, dilemas que, como apontam Nogueira, Ribeiro e Magalhães (2021), também atravessam os feminismos latino-americanos. Assim, a maternidade se mostra não como destino biológico, mas como prática social e política, marcada por relações de poder e por formas de resistência que emergem das margens culturais.

Na obra de Elena Ferrante, acompanhamos Leda, uma mulher divorciada, professora universitária, que durante um período de férias começa a observar uma jovem mãe (Nina) e sua filha na praia. Essa interação desperta memórias de sua própria maternidade, marcada por uma escolha difícil: o abandono temporário das filhas para priorizar a carreira. Em um dos trechos mais reveladores do romance, Leda confessa: “eu saí porque me sentia sufocada. Queria tudo, e as crianças eram uma muralha contra tudo”. Essa fala explícita o conflito entre realização pessoal e dever materno. A maternidade, aqui, não é fonte natural de plenitude, mas experiência de tensão — de perda de identidade, exaustão e sacrifício não consensual.

Já em *Por favor, cuide da mamãe*, Shin Kyung-Sook conduz a narrativa por meio de múltiplas vozes: a filha, o filho, o marido e uma narração final em segunda pessoa, como se a própria mãe desaparecida fosse interpelada. O livro começa com uma constatação dolorosa: “ninguém sabe exatamente quando ela desapareceu”. Essa ausência literal da mãe, Park So-Nyo, é o ponto de partida para a reconstituição da sua história. Ao longo do texto, os filhos descobrem



detalhes que nunca haviam notado: suas dores, sacrifícios, desejos calados. A mãe, até então vista como figura funcional, se revela enigmática, contraditória e humana. Em determinado momento, a filha escreve: “eu nunca pensei em você como alguém que podia sentir dor”. A maternidade, nesse romance, é construída como doação silenciosa, apagamento pessoal e dedicação contínua, uma forma de amor que se confunde com a anulação da própria identidade.

Diferentemente de Leda, So-Nyo não abandonou os filhos, mas foi gradualmente abandonada por eles. Quando ela desaparece, os filhos percebem o quanto projetaram nela uma imagem conveniente: alguém sempre disponível e sem desejos próprios. A partir das memórias, vão percebendo seus gestos de cuidado, como trazer comida do interior para os filhos na cidade, costurar à mão presentes para a família e ocultar sua doença. Esses gestos não eram reconhecidos apenas como afetos, mas como obrigações do papel materno. Além disso, o seu apagamento é atenuado pelo fato da personagem ser desprovida de voz narrativa direta, o que só passa a existir plenamente quando já não está presente. Esse silenciamento é sintomático de uma maternidade moldada pela expectativa da invisibilidade.

Quando lidas sob um prisma interseccional e decolonial, as narrativas de Ferrante e Kyung-Sook ganham novas camadas de sentido. Ambas inscrevem suas personagens em contextos periféricos do sistema simbólico patriarcal, de modo que suas experiências desafiam o modelo ocidental de maternidade idealizada. Leda e So-Nyo se tornam, assim, figuras complementares na denúncia das normas sociais que buscam domesticar o corpo e o desejo das mulheres. Ao tensionar as expectativas de cuidado e sacrifício, suas trajetórias evidenciam, como observam Nogueira, Ribeiro e Magalhães (2021), as intersecções entre gênero, classe e cultura que moldam as maternidades reais. Nessas histórias, o amor materno é atravessado por desigualdades e também por gestos de resistência silenciosa que desestabilizam as hierarquias de poder.

Colocadas em paralelo, as duas narrativas revelam que, embora Leda e So-Nyo vivam maternidades opostas – uma buscando se libertar, a outra se anulando –, ambas compartilham sentimentos de culpa, incompreensão e solidão. A análise comparativa, ancorada na ética do cuidado e nas teorias feministas críticas, mostra que ambas são julgadas por desafiarem os papéis esperados: Leda por ter deixado as filhas; So-Nyo por ter vivido inteiramente para elas. Cada uma enfrenta as exigências de um sistema patriarcal que define a mulher como cuidadora essencial, mas pouco reconhece o impacto dessa função sobre sua subjetividade, saúde mental e autonomia.

Em *A filha perdida*, Ferrante transforma a culpa materna em discurso, permitindo que o leitor acesse o conflito entre realização pessoal e dever moral. A maternidade é narrada não como fonte natural de plenitude, mas como experiência de exaustão e perda de identidade. Ao visitar



suas lembranças, Leda desvela um afeto ambivalente e uma busca por autenticidade diante de um modelo social que exige amor incondicional e renúncia absoluta. Esse gesto de narrar o próprio desvio torna-se, por si só, um ato de resistência discursiva, uma forma de romper com o silêncio imposto às mães que não se reconhecem no ideal de completude feminina.

Em *Por favor, cuide da mamãe*, Shin Kyung-Sook desloca o foco para a mãe apagada e não ouvida. A ausência de So-Nyo expõe as zonas de esquecimento que sustentam o mito da mãe perfeita. Sua história materializa o que Ruddick (1989) descreve como o trabalho materno invisível, essencial à manutenção da vida, mas desvalorizado no campo social e simbólico. Ao construir uma narrativa fragmentada, em que os filhos e o marido tentam reconstruir a imagem materna, Kyung-Sook cria uma polifonia que denuncia a desigualdade afetiva: So-Nyo é lembrada apenas quando deixa de existir. Sua ausência física é, portanto, também uma presença política, isto é, o retorno do que foi silenciado pela idealização do cuidado.

Essa leitura, orientada por perspectivas decoloniais, permite compreender as duas obras como intervenções simbólicas que deslocam o centro das narrativas tradicionais sobre a maternidade. Ferrante e Kyung-Sook inserem vozes maternas periféricas em um mosaico global de experiências, revelando que o maternar é simultaneamente afetivo e político, íntimo e histórico. O amor, a culpa, o cansaço e o desejo de liberdade tornam-se forças que reconfiguram a ética do cuidado e desafiam o ideal de sacrifício como medida do amor materno (Silveira, 2022; Donath, 2016).

As representações analisadas reafirmam, assim, a importância de uma ética feminista da maternidade, como propõe Simons (1984), que valorize o contexto, a história pessoal e a capacidade de escolha. Ao dar corpo e voz a mulheres que se afastam, se arrependem ou simplesmente cansam, Ferrante e Kyung-Sook constroem espaços narrativos de resistência e reconhecimento. Suas personagens não apenas desestabilizam o imaginário tradicional da mãe devotada, mas também ampliam as possibilidades de pensar o que é – e o que pode ser – a maternidade.

5 Conclusão

As discussões desenvolvidas neste trabalho demonstram que a literatura é um espaço privilegiado para problematizar e repolitizar a maternidade sob uma perspectiva feminista crítica. Ao analisar *A filha perdida*, de Elena Ferrante, e *Por favor, cuide da mamãe*, de Shin Kyung-Sook, foi possível observar como diferentes contextos culturais produzem representações que desestabilizam a associação entre identidade feminina e destino materno.

As narrativas comparadas revelam que o afastamento entre mãe e filhos, longe de ser



mero gesto individual, expressa tensões históricas entre autonomia, cuidado e reconhecimento social. Em Ferrante, o ponto de vista da própria mãe torna visível o conflito entre desejo e culpa; em Kyung-Sook, a ausência de voz da mãe evidencia o apagamento simbólico de quem vive para o outro. Essa duplicidade – entre a mãe que sai e a mãe esquecida – revela a dimensão política e emocional do maternar em sociedades patriarcais e hierarquizadas.

À luz das abordagens interseccionais e decoloniais, compreende-se que a maternidade é uma prática atravessada por classe, raça e cultura, e que os julgamentos morais recaem sobre mulheres em diferentes lugares do mundo, ainda que sob formas distintas. Como argumentam Ferreira e Aquino (2024), o pensamento decolonial desloca o centro epistêmico das análises ao valorizar saberes locais e situados – movimento que também orienta este estudo ao aproximar literaturas do sul europeu e do leste asiático. Desse ponto de vista, discutir o direito de escolha requer integrar múltiplas epistemologias e experiências que compõem o feminismo global, evitando universalizações e reconhecendo assimetrias históricas de poder.

Conclui-se que a literatura contemporânea, ao dar voz às maternidades periféricas e dissidentes, amplia o horizonte do debate feminista e reafirma o valor político do cuidado. Leda e So-Nyo não representam o fracasso da maternidade, mas a sua complexidade: são figuras que revelam o conflito entre afeto e autonomia, silêncio e resistência. Como propõe Julie Stephens (2011), repensar o maternar sob uma ética feminista do cuidado significa romper tanto com o ideal conservador quanto com o apagamento neoliberal do materno, reconhecendo-o como fundamento ético de uma sociedade mais justa e solidária.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v. 2.
- COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 01-29, 2009.
- CORRADI, Consuelo. Motherhood and the contradictions of feminism: appraising claims towards emancipation in the perspective of surrogacy. *Current Sociology*, v. 69, n. 2, p. 158-175, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0011392120964910>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0011392120964910>. Acesso em: 5 jun. 2025.
- DONATH, Orna. *Mães arrependidas: uma antologia sobre o tabu da ambivalência materna*. São Paulo: Autêntica, 2016.



FERRANTE, Elena. *A filha perdida*. Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Intrínseca, 2016.

FERREIRA, Mergenfel Vaz; AQUINO, Marcell. Representações identitárias em três livros didáticos de alemão como língua adicional: reflexões sobre imagens de família. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 60–85, 2024. DOI: 10.11606/1982-8837275360.

NOGUEIRA, Conceição; RIBEIRO, Diana; MAGALHÃES, Sara Isabel. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. *Sul–Sul: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v. 1, n. 3, p. 57-76, jan. 2021.

PEDRO, Joana Maria. *Feminismos, histórias e poder*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.

RUDDICK, Sara. *Maternal thinking: toward a politics of peace*. Boston: Beacon Press, 1989.

SHIN, KYUNG-SOOK. *Por favor, cuide da mamãe*. Tradução de José Luiz Passos. São Paulo: Intrínseca, 2011.

SILVEIRA, Andresa da. *Representações da maternidade em contos da literatura brasileira contemporânea*. 2022. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SIMONS, Margaret A. Motherhood, feminism and identity. *Women's Studies International Forum*, v. 7, n. 5, p. 349-359, 1984.

STEPHENS, Julie. *Confronting postmaternal thinking: feminism, memory, and care*. Nova York: Columbia University Press, 2011.

TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. *Galáxia*, São Paulo, n. 29, p. 155-166, jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120031>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/Q7mtHWsk4mzmxct5k3trbNg/?lang=pt> . Acesso em: 5 jun. 2025.

